PARTICIPAÇÃO ATIVA, CONSCIENTE E FRUTUOSA NA ORAÇÃO EUCARÍSTICA

Renato Quezini[1]

Resumo

O presente artigo, a partir de pesquisa bibliográfica, tem como objetivo refletir sobre o desejo do Concílio de incentivar à participação ativa, consciente e frutuosa nas celebrações, a partir da Oração Eucarística, centro e ápice da celebração eucarística conforme a Instrução Geral do Missal Romano (IGMR n. 78). Se a participação consciente e ativa é um elemento central da reforma litúrgica, e, mais ainda, da vida cristã, urge entender e estimular a participação de todo o povo cristão, assembleia de batizados, na grande prece Eucarística. A participação da assembleia não pode reduzir-se a um conjunto de gestos, respostas, aclamações etc., muito menos deve limitar-se a uma adoração ou contemplação da hóstia, mas deve envolver todas as dimensões da pessoa, fazendo com que consiga fazer da Eucaristia que celebra um referencial para seu dia a dia. Com esse trabalho, pretendo ajudar a redescobrir o valor teológico, ritual e espiritual dessa belíssima e profunda oração da Igreja. Faço isso na convicção de que uma inserção no mistério eucarístico é essencial para infundir na vida cristã um novo impulso de comunhão e de fraternidade que ultrapassam os limites da celebração, na construção do Reino de Deus já aqui na terra, enquanto caminhamos para o banquete celestial do Cordeiro, onde, sentados à mesa, celebraremos a Festa da Vida.

Palavras-chave: Eucaristia. Participação. Mistério. Liturgia. Celebração.

INTRODUÇÃO

A reforma proposta pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) teve por objetivo promover a vida cristã, atualizando as instituições que podiam ser mudadas, favorecendo tudo aquilo que contribui para a união dos fiéis em Cristo. A liturgia voltou a ser compreendia como o núcleo da

[1] Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia (IFAMA) e teologia (PUC-PR). rquezini@yahoo.com.br

vida do cristão e não mais como um conjunto de cerimônias e ofícios paralelos à vida espiritual, cuja predominância era concebida como individual. Para se chegar a esse objetivo, o Concilio desejou que os fiéis estivessem nas celebrações litúrgicas não "como estranhos e mudos expectadores" segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia (SC n. 48), mas como membros ativos e conscientes.

Neste trabalho, analisaremos esse desejo do Concílio de incentivo à participação ativa, a partir da Oração Eucarística (OE), centro e ápice da celebração eucarística conforme a Instrução Geral do Missal Romano (IGMR n. 78). Se a participação consciente e ativa é um elemento central da reforma litúrgica, e, mais ainda, da vida cristã, urge entender e estimular a participação de todo o povo cristão, assembleia de batizados, na grande (OE), centro da liturgia eucarística.

1 PARTICIPAÇÃO ATIVA, CONSCIENTE E FRUTUOSA SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

Se a proposta central do Vaticano II fora a de "fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis" (SC n. 1), a escolha de iniciar os trabalhos conciliares com um documento sobre a liturgia foi importante para estabelecer sua centralidade na vida do batizado. A liturgia volta a ser compreendia como o núcleo da vida do cristão e não mais como um conjunto de cerimônias e ofícios paralelos à vida espiritual, concebida como predominantemente individual.

Para se chegar a esse objetivo, o Concilio desejou que os fiéis estivessem nas celebrações litúrgicas não "como estranhos e mudos expectadores" (SC n. 48), mas como membros ativos e conscientes. O assistir à liturgia dá lugar ao participar. E essa participação, mais que desejável, é vista como fundamental para a plena e frutuosa vivência litúrgica. A palavra "participação" vem do latim, *partem* e *capere* (tomar parte). Na teologia, refere-se à participação querida por Cristo na nossa natureza humana e a nossa participação na sua natureza divina, como atestam alguns formulários

litúrgicos.

Os adjetivos e os advérbios sucedem-se já no documento conciliar, matizando esta participação da comunidade: consciente, ativa e frutuosa (SC n. 11), plena e ativa participação (SC n. 14), interna e externa (SC n. 19), plena, ativa e comunitária (SC n. 21), participem na ação sagrada consciente, piedosa e ativamente (SC n. 48), se torne mais fácil a piedosa e animada participação dos fiéis (SC n. 50).

> A recuperação do sentido mais alto de "formação litúrgica" é, portanto, possível somente a partir de e em vista de uma necessidade de participação à ação litúrgica que saia da contraposição entre participação externa e participação interna. É exatamente essa tradição que perdeu o sentido do celebrar ritual como síntese originária de interno-externo, indivíduo-comunitário, subjetivo-objetivo, público-privado (GRILLO, 2017, p. 33).

Ao elencar os meios para que os fiéis tenham acesso a essa tão querida participação na liturgia, o documento conciliar cita em primeiro lugar o estudo e vivência dos ritos e orações (SC n. 48), por meio dos quais realiza-se a liturgia, obra da glorificação de Deus e salvação dos homens. A partir dessa compreensão da liturgia como momento celebrativo no qual os fiéis são convidados e convocados à participarem plena, ativa, consciente e frutuosamente, pela compreensão dos ritos e preces, é que propomos esse trabalho.

Debruçaremos, portanto, sobre a participação da assembleia celebrante na (OE), que é, no conjunto da celebração eucarística, "centro e ápice [...], prece de ação de graças e santificação" (IGMR n. 78). Eis nossa preocupação da necessidade cada vez maior de orientar a educação ritual da assembleia, composta por leigos, quase obrigados a uma muda e subjetiva participação nesse momento ritual. Conforme nos diz Grillo:

> Passar da ideia de "rito" para a ideia de "ação ritual" impede de pensar que o rito seja simplesmete "objetivo", "estático" e "acontecido", mas permite assumi-lo no seu polo "subjetivo", "dinâmico", e "aberto ao futuro". Redescobrir hoje a fé cristã significa redescobrir seja a interrupção, seja a continuidade

> entre ação humana e ação divina, que se realiza justamente na ação ritual (GRILLO, 2017, p. 47).

Se a participação consciente e ativa é um elemento central da reforma litúrgica, e, mais ainda, da vida cristã, urge entender e estimular a participação de todo o povo cristão, assembleia de batizados, na grande OE, centro da liturgia eucarística.

2 A TEOLOGIA EUCARÍSTICA SEGUNDO O CONCÍLIO VATICANO II

Para falarmos sobre a Eucaristia no âmbito do Concílio Vaticano II, não podemos ficar indiferentes à experiência que as primeiras comunidades fizeram da Eucaristia: a fração do pão; o comer nas casas; o estar ao redor da mesa; e dentre todos esses aspectos que deve englobar um único mistério: a Páscoa do Senhor!

Para uma maior compreensão do mistério eucarístico, os padres conciliares, na tentativa de explicar o resgate da centralidade do Mistério Pascal – perdido, praticamente, em todo o segundo milênio da era cristã – "se preocuparam em levar mais a sério a reforma da liturgia eucarística e assinalaram as direções nas quais devia enriquecer-se sua compreensão teológica" (ALDAZÁBAL, 2010, p. 212). Isso aconteceu para os fiéis poderem entender que, com a celebração deste mistério, estariam participando do memorial do Senhor: paixão, morte e ressurreição!

"Na missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote, para celebrar a memória do Senhor ou sacrifício Eucarístico" (IGMR n. 7). A participação plena dos fiéis na celebração eucarística faz com que haja uma grande redescoberta do contexto histórico celebrado, na certeza de que pela celebração da Palavra e da Eucaristia seja possível se fazer a ligação entre a liturgia e a vida, prática dos primeiros cristãos.

3 OS PRINCÍPIOS DA REFORMA LITÚRGICA

Quando falamos em princípios de reforma da liturgia, procuramos resgatar a vivência eucarística da Igreja, que traz consigo a marca da

reforma preparada pelo Vaticano II, realizada posteriormente ao Concílio. Uma das principais tarefas da reforma foi a de priorizar três fases: "A passagem do latim para as línguas modernas (1964-1967); a publicação dos livros litúrgicos, revistos segundo os decretos do Concílio Vaticano II (1968-1975); e a adaptação dos livros litúrgicos às circunstâncias das Igrejas particulares" (MARTÍN, 2006, p. 115).

Diante destas tarefas, não podemos nos esquecer de outros princípios que permearam a reforma da liturgia, onde a atualização do Mistério Pascal de Cristo na sagrada liturgia torna-se o ponto culminante na vida da Igreja. Isso ocorreu justamente para resgatar que é pelo "lado adormecido de Cristo na Cruz que brotou o sacramento de toda a Igreja" (Jo 19,34).

Sendo a atualização do Mistério Pascal o centro na liturgia da Igreja, a participação consciente, ativa e frutuosa dos fiéis na mesa da Palavra e na mesa da Eucaristia faz com que, todas as vezes que se celebre este mistério do memorial do sacrifício do Senhor, se realize a obra da redenção. E é por isso que na celebração eucarística, após a consagração, assim como Paulo, a Igreja anuncia o núcleo da razão de nossa fé: "Todas às vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha" (1Cor 11,26).

4 O MISTÉRIO EUCARÍSTICO SEGUNDO A *SACROSANCTUM CONCILIUM*

O segundo capítulo da (SC) dá um enfoque especial ao mistério da Eucaristia, apresentando a importância da participação dos fiéis neste mistério. Este capítulo, dedicado ao mistério eucarístico, reforça que as graças dadas a Deus na celebração do Mistério Pascal não se realizam somente pela hóstia imaculada oferecida pelas mãos do ministro ordenado, mas também pelos fiéis que se unem ao coração daquele que preside para "representar", de maneira concreta, o oferecimento cotidiano de cada um, na certeza de que na união a Cristo, pela ação do Espírito, Deus vem ao encontro de todos. Isso deve ser resgatado para relembrar que, pela mesa da Palavra e da Eucaristia, nos unimos aos irmãos (SC n. 48).

A (SC) realizou um enorme passo em favor da humanidade, aproximando o gênero humano da celebração do memorial da obra salvífica de Cristo. Superou a visão ritualística e estética da liturgia, para que os homens pudessem e possam, através deste memorial, aproximar-se de maneira mais completa da vivência do Mistério Pascal, resgatando, desse modo, os diferentes ministérios nas ações litúrgicas, devolvendo ao povo a alegria de se aproximar cada vez mais do sacramento celebrado.

Portanto, o Vaticano II, no capítulo da (SC) dedicado à Eucaristia, mostra-se consciente da centralidade do Mistério Pascal na vida dos cristãos, e reconhece, na liturgia, a chave interpretativa desse memorial salvífico, lugar onde se faz uma experiência vital dele; pois, na liturgia celebrada na Igreja, através dos sacramentos, e de modo todo especial na Eucaristia, anuncia-se e celebra-se o Mistério Pascal, ou seja, na celebração litúrgica ele é anunciado, vivido e testemunhado.

5 EUCARISTIA, ESCOLA DE COMUNHÃO

A (OE) é, assim como toda a celebração da Eucaristia, uma ação comunitária, de todo o povo de Deus reunido em assembleia. É a oração dos batizados, e não apenas do clero. Por muito tempo prevaleceu a ideia de que eram apenas os presbíteros que podiam tomar parte nela, de tal modo que tal oração de ação de graças passou a ser considerada apenas em sua dimensão sacrifical, na qual havia espaço para apenas um sacerdote.

Sendo os clérigos protagonistas principais nas celebrações litúrgicas, os fiéis passam simplesmente a preencher um vazio espiritual com as devoções aos santos e ao Santíssimo Sacramento. É neste período - final do século IX - que a Igreja passa por uma grande crise: "o chamado individualismo religioso, em que clérigos e leigos fazem da celebração eucarística um momento predominantemente devocional" (BUYST, SILVA, 2006, p. 40). Ao redescobrir a função sacerdotal dos batizados na celebração, a reforma litúrgica abriu caminho para uma nova compreensão da participação da

assembleia durante essa oração. Hoje, todo ser humano, pela ação do Espírito Santo, é convidado a fazer parte do povo escolhido de Deus.

A participação plena dos fiéis na celebração eucarística faz com que haja uma grande redescoberta do contexto histórico celebrado, na certeza de que pela celebração da Palavra e da Eucaristia seja possível se fazer a ligação entre a liturgia e a vida, prática dos primeiros cristãos. É preciso ter claro entendimento de que

> A Eucaristia se compõe de dois momentos indissociáveis: a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística. Um remete ao outro: a liturgia da Palavra anuncia o que se realizará sacramentalmente na liturgia eucarística; esta cumpre o que foi prometido e anunciado naquela, no sentido da proclamação feita por Jesus na sinagoga de Nazaré: "Hoje se cumpriu esta Escritura" (Lc 4,21). Se a liturgia da Palavra é o oferecimento de aliança por parte de Deus, a liturgia eucarística é o selo da aliança. Através dos sinais eucarísticos somos transportados ao momento culminante da aliança nova e eterna, a morte e ressurreição do Senhor, e dele participamos (TABORDA, 2005, p. 3).

Alimentados da Palavra de Deus e da mesa eucarística, "deem graças a Deus e aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada" (SC n. 48). Por fim, espera-se que a Eucaristia celebrada frutifique na vida dos fiéis, progredindo na união com Deus e entre si.

6 EUCARISTIA, ESCOLA DE PARTICIPAÇÃO

Os padres conciliares afirmam que participar ativamente da celebração não é apenas ouvir a Palavra de Deus e comungar, como pensavam alguns. É mais do que isso, é tomar parte na ação de graças a Deus, oferecendo-se a si mesmos ao mesmo tempo em que, junto com o presbítero, oferecem o pão e vinho. Tentemos compreender como, nos textos e ritos da (OE), podemos encontrar o fundamento para essa ideia de participação.

Conforme nos apresenta a (IGMR), a (OE) é o centro e ápice de toda

celebração. Vale ressaltar que a prece eucarística é composta por um todo, há uma unidade desde o diálogo inicial até a doxologia concluída com o amém da assembleia. Por isso não é valido acrescentar comentários que só empobrecem tão grande mistério.

Ressaltamos que "toda a oração Eucarística é doxológica, isto é: palavra (*logos*) de louvor (*doxa*) dirigida a Deus" (DEISS, 1998, p. 101), portanto, após ter glorificado a Deus Pai e ter-lhe rendido graças pela obra da salvação, finalizamos através de uma doxologia pela qual glorificamos a Deus e a assembleia, tendo acolhido no silêncio ativo a doxologia aclama "Amém" (IGMR n. 79). Essa aclamação não apenas conclui o pequeno trecho oracional, mas confirma toda a (OE).

Outro modo de percebermos essa dimensão comunitária da (OE) é a partir de sua redação no plural, ou seja, ela não é produzida como se fosse o diálogo do presbítero com o Pai, mas como oração de toda a comunidade, por meio do ministro ordenado. Vemos isso na (OE) I (Cânon Romano):

> Pai de misericórdia, a quem sobem **nossos** louvores, **nós vos pedimos** [...] **Nós as oferecemos** pela vossa Igreja [...] **Nós as oferecemos** também pelo vosso servo [...] Eles [os que circundam o altar] **vos oferecem conosco** este sacrifício de louvor por si e por todos os seus, e **elevam a vós as suas preces**. (Missal Romano, pp. 469-476, grifos nossos).

O número 48 da (SC) diz ainda que participar ativamente da celebração exige uma vida conforme àquilo que celebramos. A Eucaristia que celebramos compromete-nos no serviço com os irmãos, no desejo de levar a termo a prece de Jesus, para que todos sejamos um. A (OE) pede para que a assembleia, oferecendo-se juntamente com o pão e o vinho, torne-se, em Cristo e na força do Espírito, um só corpo.

Essa união, contudo, não acontece de modo abstrato, mas na prática, pois é uma aliança com uma causa, com um destinatário, ou seja, o Senhor nos une ao redor de seu corpo e sangue, visíveis pelo pão e vinho consagrados, para assumirmos uma luta em favor dos oprimidos, daqueles que sofrem injustiça, os mais excluídos da sociedade. É preciso buscar meios para que a fartura, a fraternidade e igualdade que celebramos ao redor do

altar se estendam para as mesas dos nossos irmãos mais necessitados.

Participar efetivamente da (OE) é muito maior que somente se utilizarem de suas possibilidades intelectuais, o mais importante é se colocar como agente, como vivente na esteira de Jesus, que nos levou ao extremo do seu amor, quando na véspera da paixão ofereceu sua vida em sacrifício, portanto, render graças, festejar a Deus pela fecundidade da morte e ressurreição de Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (OE) deve ser vista num contexto de aliança e seu sentido para nós está no fato de reconhecermos o imenso amor e a fidelidade de Deus para conosco, apesar das nossas fraquezas e infidelidades para com Deus. Faz-se necessário a íntima união entre *lex credendi e lex orandi*, compreender bem, para bem celebrar o memorial do Senhor.

No meu ministério presbiteral me deparo com a dificuldade que as comunidades se encontram para a vivência ritual da (OE). É imprescindível ficar claro para nós que o que converte pão e vinho e Corpo e Sangue do Senhor é o Todo da (OE). Tanto por parte dos ministros ordenados, quanto por parte do povo cristão, percebo uma falta de "educação ritual" para esse momento da celebração eucarística.

Por parte dos que a presidem, não poucas vezes é feito de maneira apressada, de qualquer jeito, com improvisações e cacoetes que confundem a teologia do momento ritual. Por consequência, a assembleia também vê nesse momento, ocasião para divagar em seus pensamentos ou mesmo para exercer suas práticas individuais de espiritualidade, num intimismo muitas vezes prejudicial ao verdadeiro espírito da liturgia como vimos ao longo do artigo.

A participação da assembleia não pode reduzir-se a um conjunto de gestos, respostas, aclamações etc., muito menos deve limitar-se a uma adoração ou contemplação da hóstia, mas deve envolver todas as dimensões da pessoa, fazendo com que consiga fazer da Eucaristia que

celebra um referencial para seu dia a dia.

Com esse trabalho, pretendo ajudar a redescobrir o valor teológico, ritual e espiritual dessa belíssima e profunda oração da Igreja. Faço isso na convicção de que uma inserção no mistério eucarístico é essencial para infundir na vida cristã um novo impulso de comunhão e de fraternidade que ultrapassam os limites da celebração, na construção do Reino de Deus já aqui na terra, enquanto caminhamos para o banquete celestial do Cordeiro, onde, sentados à mesa, celebraremos a Festa da Vida.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia.* 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BUYST, Ione; SILVA, Jose Ariovaldo. *O Mistério celebrado: Memória e compromisso.* São Paulo: Paulinas, 2006. Teologia Litúrgica.

CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. Tradução e notas de Alberto Beckhäuser. São Paulo: Paulinas, 2012.

DEISS, Lucien. *A missa na comunidade Cristã*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1998.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam: os sete sacramentos*. Brasília: CNBB, 2017. Coleção Vida e Liturgia da Igreja.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO. 3ª edição típica. Comentários de José Aldazábal. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral.* São Paulo: Paulinas, 2006.

RITUAL ROMANO. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992.

TABORDA, Francisco. *Fazei isto em meu memorial*. A eucaristia como sacramento da unidade. In: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. (Org.). A eucaristia na vida da Igreja. Subsídios para o Ano da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2005.